



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## OS ANOS DOURADOS DA HERMENÊUTICA FOUCAULTIANA: “É PRECISO QUE CUIDEIS DE VÓS MESMOS”<sup>435</sup>

Hugo Pires Júnior\*  
(UESB)

Jorge Miranda de Almeida\*\*  
(UESB)

### RESUMO

A tradição filosófica ocidental privilegiou o *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo) como coluna mestra do conhecimento racional sobre si. Por outro lado é a noção de *epiméleia heautoû* (cuidado de si) que deve nortear as bases de uma ética que esteja fundamentada no humano e na garantia de humanidade. O cuidado de si sinaliza o deslocamento da Jean Michel Foucault do saber/poder em direção às regras de veridicção o que o aproxima da hermenêutica kierkegaardiana. O objetivo deste texto é o de discutir os movimentos, na hermenêutica foucaultiana, que identificam seu salto qualitativo e seu deslocamento. Para tanto foram utilizadas as obras *A hermenêutica do sujeito* e os *Ditos e escritos v* para se identificar as categorias que levam Foucault em direção ao seu salto qualitativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cuidado de si. Conhece-te a ti mesmo. Subjetividade.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho discute, nos caminhos trilhados por Jean Michel Foucault a partir das suas obras do final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 até 1984,

---

<sup>435</sup> Texto elaborado a partir das discussões efetuadas no Grupo de Pesquisa Orientada, sob a orientação do professor Doutor Jorge Miranda de Almeida durante o 2º semestres de 2012 e 1º semestre de 2013, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, nível doutorado, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) campi Vitoria da Conquista.

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) campi Vitoria da Conquista. E-mail: hugohugone@hotmail.com.

\*\* Professor Titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (Mestrado e Doutorado) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) campi Vitoria da Conquista e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Linguística (Mestrado). E-mail: mirandajma@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

especialmente em *A hermenêutica do sujeito* e *Ditos e escritos v*, com o objetivo de delimitar a abordagem e a objetividade exigidas para uma comunicação científica, os movimentos que indicam um salto qualitativo e que direcionam seus saberes, como ele mesmo afirma tratar-se de um deslocamento e até mesmo de um “salto”, entre a problematização das relações de poder enquanto práticas coercitivas com a dimensão da subjetividade-verdade a partir da elaboração do cuidado de si enquanto fundamenta uma prática ascética de si mesmo e ao mesmo tempo do outro.

Se a tradição filosófica e cultural ocidental privilegiou o *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo) como coluna mestra do conhecimento racional e especulativo sobre si e sobre o cosmos; a noção de *epiméleia heautoû* (cuidado de si) é que deve nortear as bases de uma ética que esteja fundamentada e ao mesmo tempo seja o fundamento do humano e da garantia da humanidade capaz de viver harmoniosamente na tensão entre o conflito e a paz, entre a guerra e o bem comum. O cuidado de si reveste então a condição de individualização e singularização, por isso “é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (FOUCAULT, 2010a, p. 9). O que é desconcertante nessa concepção de cuidado de si, é que é o cuidado de si e não o conhecimento de si é a condição necessária para que o sujeito possa ter acesso à verdade.

Se ocorrer ao estudioso de Foucault considerar que em seus estudos iniciais a problemática por ele discutida, em *Historia da loucura, O nascimento da clínica e Vigiar e punir*, passa pela análise da constituição do sujeito quando submetido às práticas normativas das instituições (psiquiátricas, médica clínica e penais) e como este sujeito que é submetido a tais práticas se transforma em objeto do conhecimento. De outra maneira, como é exposto na obra *O governo de si e dos outros* (FOUCAULT, 2010b) há um deslocamento do eixo da história do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

conhecimento para a análise dos saberes, de como as práticas discursivas eram organizadas e constituíam a condição desses saberes. Durante um certo tempo, foi exatamente esse o objetivo de Foucault como podemos constatar em seu próprio depoimento, “do conhecimento ao saber, do saber às práticas discursivas e às regras de veridicção, foi esse o deslocamento que procurei fazer por um certo tempo” (p. 6)

Esse mesmo estudioso notará que Foucault vai, então, à busca das relações entre subjetividade e verdade, mas não sem antes estabelecer as reflexões que balizaram os saberes em direção a esta busca e que evidenciam as formas pelas quais o sujeito se constitui como objeto para ele próprio, ou seja, como o sujeito se observa como ele se analisa como ele se reconhece sendo ele próprio um campo de saber possível e que trata de deslindar as experiências de si mesmo, na relação que estabelece consigo próprio indo em direção ao cuidado de si. Assim não há como não evidenciar o abandono da dinâmica sobre o sujeito e verdade e o refinamento, em relação ao seu objeto de análise inicial, direcionando para a noção do cuidado de si. Ai o salto começa a desvelar-se ao estudioso, pois chegar-se-á aos escritos dos anos iniciais de 1980, e para ele derradeiros, onde Foucault se revela nas entrevistas, nos comentários, enfeixados no *Ditos e escritos* v avançando mais e completando seu salto qualitativo enunciados pelos cursos de 1981 a 1983, enfeixados no *O governo de si e dos outros* e mais especificamente em *A hermenêutica do sujeito*, onde Foucault (2010a) declara que, “gostaria de tomar como ponto de partida uma noção sobre a qual creio já lhes ter dito algumas palavras [...]. Trata-se da noção de “cuidado de si mesmo” (p. 4).

Assim o objetivo deste texto é o de discutir os movimentos, na hermenêutica foucaultiana, que identificam o salto qualitativo de Foucault que se desloca do saber/poder em direção às regras de veridicção, ou seja, da formação dos saberes aos sistemas de poderes e daí em direção subjetividade, a ética e a verdade. Para tanto será feita uma imersão inicial a partir das obras citadas, A



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

*hermenêutica do sujeito e o Ditos e escritos v* buscando identificar as categorias que sinalizam o salto qualitativo de Foucault e o seu deslocamento do eixo da história do conhecimento para a análise dos saberes, e às regras de veridicção.

Um salto é expressão de uma ruptura, não há continuidade, pois se fosse seria a continuação de um caminho sem na segurança da estrada já construída e que ao sujeito cabe apenas realizar a travessia. O salto implica gravidade, fundo sem fundo. Não sabemos se desse salto que Foucault realiza quando investiga os jogos de verdade na perspectiva da autoformação do sujeito a partir do cuidado e do conhecimento de si mesmo e não mais na dinâmica das práticas coercitivas como pode ser constatados em suas obras anteriores a 1980. O que sabemos é que o salto implica uma mudança de qualidade no sujeito que o concretiza, nas condições em que ele é efetivado e na finalidade com que se pretende realizá-lo para constituir-se como sujeito de si mesmo como *parrhesia*.

O cuidado de si é, possivelmente, a categoria filosófica em Foucault que mais se aproxima da interioridade e singularidade como desenvolvidas por Kierkegaard. Isto porque o cuidado de si exige um constante autoexame como condição de aprofundar mais em si mesmo, tema que já era central em Sócrates só que na perspectiva do conhece-te a ti mesmo. Mas não é suficiente o autoexame, é necessário que se converta o olhar para o interior, pois “o cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento” (FOUCAULT, 2010a, p. 12). No texto Foucault utilizando da ironia que é comum a Kierkegaard evidencia: “cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar, que se o conduza do exterior para...eu ia dizer ‘o interior’, deixamos de lado essa palavra (que, como sabemos, traz muitos problemas)” (p.12). Quais são os problemas que o interior, a interioridade levantam? Será que não é possível considerar filosoficamente o interior para além da mediação lógica hegeliana do interior e exterior? Se não houver uma edificação bem solidificada no sujeito, este



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sujeito será uma individualidade ou será suprasumido – para usar um termo hegeliano - na objetividade do universal?

Foucault (2012b) desloca-se, então, de saberes que problematizaram, em seus primeiros escritos como em *A história da loucura*, as práticas institucionais e de conhecimentos sobre loucura, como doença mental, sobre a instituição médica-psiquiátrica e sobre a instituição asilar, almejando elaborar saberes a respeito de como se “governam” os loucos e no que a entidade nosológica loucura “se constituía para os outros”, a partir de contextos sociais, políticos e epistemológicos específicos. Assim também é feito em relação a *Vigiar e punir* onde, o autor problematiza as relações de poder entre a conduta do sujeito (delinquência) e a punição (castigo) emanada das leis e das instituições penais, nos séculos XVIII e XIX, até a busca de caminhos evidenciados na *Vontade de saber*; no *O uso dos prazeres* culminando com o *Cuidado de si*, enfeixados em sua *Historiada sexualidade*, e que levam a uma problematização da atividade sexual na Antiguidade com reflexos para a sociedade atual. Estes escritos sobre a conduta sexual ou diretamente relacionada ao regime de comportamentos e prazeres sexuais na Antiguidade culminaram, no final da década de 1970 e início dos anos de 1980, com a problematização da conduta sexual indicada pelo “uso dos prazeres” com ênfase no “cuidado de si”. Foucault avança, então, de uma análise a respeito de como se “governam” os loucos (instituição asilar, psiquiatria, em *A história da loucura*), direcionando-se para a problemática atual de como “se governa” a si mesmo (em *O cuidado de si* da *Historia da sexualidade*), onde o autor procura demonstrar de que forma o governo de si mesmo passa a se integrar a uma prática do governo dos outros, onde e inicialmente o governo de si se constitui, para em seguida constituir-se o governo dos outros. Para Foucault (2012b) isto é parte de uma mesma questão, que é trilhada por caminhos inversos qual seja, “como se constitui uma ‘experiência’ em que estão ligadas a relação consigo mesmo e a relação com os outros” (p. 236).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A obra que mais se aproxima do nosso objeto de reflexão é *As Palavras e as coisas*, onde o autor mesmo depõe que procurou analisar nos discursos científicos, como se encontrava ou localizava o sujeito humano e como este se define enquanto sujeito falante. O objeto, continuando o pensador francês era determinar como o sujeito falante entrava nos jogos de verdade e como estes se constituíam enquanto poder e controle quer na forma de ciência, quer na forma de moral, quer na forma de instituições. O salto ocorreu exatamente quando ele deslocou a análise do sujeito falante para o sujeito ascético, das instituições de controle para o exercício da alma, entendendo este exercício “precisamente o conjunto das condições de espiritualidade, o conjunto das transformações de si que constituem a condição necessária para que se possa ter acesso à verdade” (FOUCAULT, 2010a, p. 17). Observe caro leitor, como é tecido o salto e como as relações sociais agora passam a ser a condição da reduplicação do si mesmo, quando Foucault (2010a) enfatiza que,

essa desvinculação em relação à pedagogia tem ainda uma segunda consequência que já vimos: doravante a prática de si já não é meramente uma espécie de pequeno caso a dois que se inscreveria na relação singular e dialeticamente amorosa entre o mestre e o discípulo. Doravante, a prática de si integra-se, mistura-se, entrelaça-se com toda uma rede de relações sociais diversas, onde existe ainda a mestria no sentido estrito, mas onde igualmente se encontram muitas outras formas relacionais possíveis (p.184).

Esta busca criativa, na hermenêutica foucaultiana oferece o indício do deslocamento do autor das questões relativas ao *saber e poder*, para as questões relativas à *ética e a subjetividade*, o que caracteriza o caminhar do pensador no desvelamento do seu problema que “sempre foi”, como é indicado por ele, “o das relações entre sujeito e verdade”, ou seja, o desvelamento a respeito de “como o sujeito entra no jogo da verdade” (FOUCAULT, 2012a, p. 268). Ele mesmo expressa a importância de um dia elaborar “a história do que poderíamos chamar de subjetividade revolucionária” (p. 187). Em nossos estudos sobre a subjetividade



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

em Kierkegaard, entendemos que o filósofo dinamarquês empreendeu uma tarefa formidável na fundamentação de uma concepção de subjetividade que inspirada na concepção agostiniana, propõe uma nova abordagem da mesma desvinculada da concepção dominante da cultura ocidental desde Descartes com a identificação da subjetividade como consciência e que foi assumida por pensadores como Kant, Leibniz, Hegel e que constituiu e constitui um entrave para a compreensão da pessoa humana.

Foucault deixa bastante visível seu deslocamento em relação à problemática anterior quando em detrimento da questão epistemológica, dá o salto para a questão ética caracterizando o deslocamento operado, na compreensão do pensador, e que o faz aproximar-se da concepção kierkegardiana de subjetividade. Isto é percebido nas aulas iniciais de janeiro de 1982, onde Foucault (2010a) é contundente em afirmar que o estudo das relações a respeito do sujeito e da verdade passa efetivamente ou deve ser estudado a partir da noção do *cuidado de si mesmo*, abandonando a ideia presente na filosofia e nos pensadores do ocidente, a partir de Sócrates, de que as questões presentes no estudo das relações entre o conhecimento a respeito do sujeito, ou o conhecimento do sujeito por ele mesmo, estejam vinculado, ou devam ser estudados exclusivamente à luz do preceito da prescrição délfica do *conhece-te a ti mesmo*. E é o próprio Foucault que cuida de estabelecer a relação entre o conceito délfico/socrático do *conheça-te a ti mesmo* e a noção de *cuidado de si mesmo*, atribuindo entre eles uma relação significativa, onde a regra do *conhece-te a ti mesmo* esta subordinada ao preceito do *cuidado de si*. Para Foucault (2010a) o,

*gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo) aparece, de maneira bastante clara e, mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da *epimélie heautoû* (cuidado de si mesmo) como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo. É nesse âmbito, como que no



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

limite desse cuidado, que aparece se fórmula a regra “conhece-te a ti mesmo” (p. 06).

Então, o *conhece-te a ti mesmo*, surge como parte da regra ampla que diz ser preciso que te ocupes, que não te esqueças de, e que tenhas cuidado contigo mesmo. E Sócrates se apresenta, como o encarregado, nomeado pelos deuses, de incitar as pessoas a se ocuparem consigo mesmo, a não se *descurarem de si*. Nesta relação Foucault chama a atenção para o que é de interesse, ao o que deve representar o ocupar-se consigo mesmo, o sacrificar-se a si mesmo, que é a posição do mestre, daquele que se encarrega de despertar: o cuidado de si é o primeiro despertar, é o afloramento, a saída de um sono para alcançar a luz primeira. O autor dá à ideia de que o cuidado de si deve estar crivado na existência do homem, é o movimento, é o que agita, o que revoluciona, o que o inquieta ao longo do seu existir. Isto leva a percepção do cuidado de si mesmo, como sendo o esteio, a base sob a qual se edifica o *conheça-te a ti mesmo*. Esta percepção do cuidado de si mesmo é anunciada por Foucault que a atribui como sendo uma noção presente antecipadamente em Sócrates, o que coloca o filósofo, conforme Foucault, como o *homem do cuidado de si e assim permanecerá*.

A noção de cuidado de si é presente, então, desde Sócrates e passa da filosofia antiga até o cristianismo, sendo materializada nos escritos cristão de Filon, Plotino, Basílio de Cesareia e em Gregório de Nissa aonde, conforme Foucault (2010a, 2010b) a noção vem associada a ideia de vida ascética, via matrimônio ou celibato, o que tornou assim o cuidado de si uma matriz do ascetismo cristão. Para o autor o cuidado de si expressa uma forma de encarar as coisas, uma forma de estar no mundo, de praticar ações e de ter relações com o outro. Então o eu, o outro e as coisas, o mundo, são formas de atenção, formas de olhar, é a conversão do olhar do exterior, dos outros, do mundo voltando-o para si mesmo. O cuidado de si mesmo é estar atento para aquilo que se pensa, para aquilo que é próprio ao seu pensamento, estando assim relacionado a um estado meditativo.





ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Então, o voltar-se a si mesmo implica em ações que são produzidas de si para consigo mesmo, ações que levam a modificações, à purificação, a transformação até a transfiguração, estando então isto associado à prática de exercícios meditativos, a memorização do passado, e ao exame de consciência. Este conjunto de saberes vem sendo praticado do século V a. C. até o século V d. C. estabelecendo mil anos de evolução da noção do cuidado de si, esta noção que passa por toda a filosofia grega, helênica até a romana e indo até a espiritualidade cristã. A noção de cuidado de si constrói, assim, saberes que indicam formas de ser e de refletir, atitude e práticas que se constituem em fenômenos de importância impar, para além da *historia das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade, ou das práticas subjetivas*.

Foucault (2010a) é muito cuidadoso ao se entregar a identificação dos motivos pelo qual o cuidado de si mesmo tenha sido transformado em um obscuro tema, desde a filosofia antiga até o ascetismo cristão, enquanto que o conhece-te a ti mesmo foi efetivamente privilegiado de forma marcante, com valor e intensidade.

Uma das hipóteses levantadas pelo autor diz respeito ao valor negativo que se atribui ao cuidado de si, que induz a ideia de um individualismo egoísta, que se volta sobre si mesmo deixando de lado a moral coletiva, ou ainda, por ser este movimento negativo, atribuído ao cuidado de si, é também, fruto da herança maior de uma moral austera e restritiva praticada, pela moral dos primeiros séculos. E aí Foucault relaciona as práticas moral dos estoicos, dos cínicos, dos epicuristas, mais do que se possa atribuir a uma herança da moral cristã, ou seja, a moral austera e restritiva não é privilégio da cristandade ou mais contemporaneamente da moral chamada judaica cristã, mas de uma prática exercida pela filosofia primeira, o que leva a percepção negativa do cuidado de si.

Esta percepção converte o princípio do cuidado de si em um conjunto de fórmulas e que diz respeito ao “ocupar-se consigo mesmo”, ao “retirar-se em si



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mesmo”, ao “permanecer em companhia de si mesmo”, que foram sendo estabelecidas pela concepção dominante de uma moral austera e que acabou por apresentar o princípio do cuidado de si, prenes de valores negativos. E é surpreendente como Foucault (2010a) encaminha esta questão, de forma ainda hipotética e especulativa, nos seus dizeres, ao atribuir a transformação desse princípio como parte fundamental de uma moral, já sinalizada, mas coordenada por “uma vontade de ruptura ética, uma espécie de dandismo moral, afirmação-desafio de um estádio estético e individual intransponível” (p.13). No entanto, esta forma de encaminhar a questão onde o ocupar-se consigo mesmo, o retirar-se em si mesmo, o permanecer na companhia de si mesmo, em que pese à repetição no mesmo parágrafo são situações muito próximas da edificação de si mesmo, da interioridade como construção de maturidade existencial desenvolvida por Kierkegaard (2010) em obras como *Post-scriptum conclusivo não científico às Migalhas Filosóficas*, escrito em 1846. Além disso, a afirmação de Foucault (2010a) indica o processo de construção do ser a partir do “tríptico existencial de Kierkegaard” (p. 23) quando ele se refere ao “estádio estético e individual intransponível” (p.13), que é dimensionada a partir dos estádios estético, ético e religioso. Foucault faz uma clara referencia a Kierkegaard na citação da p. 13 e isto é corroborado nas notas da aula do dia 6 de janeiro de 1982 de a *A hermenêutica do sujeito*, quando Ewald; Fontana (2010) enfatizam que é feito menção ao estádio estético, em que o autor faz uma,

clara alusão ao tríptico existencial de Kierkegaard (estádios estético, ético e religioso) sendo a esfera estética (incanarda(sic) no Judeu Errante, em Fausto e em Dom Juan) a do individuo que, numa busca indefinida, sorve os instantes com se foram átomos precários de prazer (a ironia é que permitirá a passagem à[o estádio] ética[o]). (p. 23)

A partir dessa percepção pode-se aventar a hipótese, que necessitaria ser investigada, de que Foucault (2010a) recorre a Kierkegaard quando, na p.13 de a *A*



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

*hermenêutica do sujeito* alude ao estágio estético indicando as “coisas” perturbadoras que o princípio do cuidado de si evoca, quando do advento do cristianismo e que leva-nos a “exaltação ao culto de si mesmo”, demonstrando que o conceito localiza-se no “estádio estético”, como se o indivíduo se debruçasse sobre si mesmo, “incapaz de sustentar, perante seus olhos, entre suas mãos, por ele próprio, uma moral coletiva (o da cidade, por exemplo) e que, em face do deslocamento da moral coletiva, nada mais então teria senão ocupar-se consigo” (p. 13), egoisticamente. E, no entanto, o autor observa o fato de que em todo pensamento antigo, de Sócrates até Gregório de Nissa, sobre o *ocupar-se consigo mesmo* teve sempre um sentido positivo, jamais negativo (p.14). Para Foucault, o rigor moral e as regras austeras que foi sendo construída no bojo do princípio *ocupa-te consigo mesmo*, acabam sendo retomadas em um fluxo e refluxo constante quer seja na moral antiga, na moral cristã, na moral moderna não cristã, ou alhures de maneira diferenciada e transferindo-se para o contexto de uma ética geral do não egoísmo de duas maneiras, quais sejam, na forma cristã de renunciar-se a si mesmo, ou pela forma moderna de uma obrigação para com os outros, não importando quem eles sejam, a coletividade, a pátria, a classe social. Então, para Foucault (2010a) tudo o que nasceu da obrigação do *ocupar-se consigo mesmo* foi redimensionado pela modernidade e pelo cristianismo em uma moral do não egoísmo.

É notável a relação estabelecida por Foucault que vai em direção contrária ao mito revivido pelo ideário intelectual/filosófico contemporâneo que imputam um distanciamento dele em relação à Kierkegaard, pois os comentários indicam ter sido Foucault assíduo leitor de Kierkegaard, ainda que jamais tenha feito menção a este fato, conforme assinala Ewald; Fontana (2010) em notas redigidas para a aula do dia 06 de janeiro de 1982 em *A hermenêutica do sujeito*, quando sinaliza que, “Foucault foi um grande leitor de Kierkegaard, ainda que praticamente jamais faça



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

menção a esse autor que, no entanto, teve para ele uma importância tão secreta quanto decisiva” (p.23).

Então, Foucault (2010a, 2012b) ao deslocar-se em direção ao cuidado de si mesmo faz um salto ético, migra da crítica a subjetividade enquanto identidade em direção à subjetividade como singularidade, onde o Eu se dilui em abandono e promove-se um si mesmo que se desdobra em relação ao outro, pois na consideração do cuidado de si já se expressa à consideração do cuidado do outro. Dito com o próprio Foucault: “é preciso ir em direção ao eu como quem vai em direção a uma meta. E esse não é mais um movimento apenas dos olhos, mas do ser inteiro que deve dirigir-se ao eu como único objetivo. Ir em direção ao eu é ao mesmo tempo retornar a si” (FOUCAULT, 2010a, p.192) O estudioso de Foucault não deixará de anotar que este salto, esse deslocamento vai em direção à interioridade de Kierkegaard, vai em direção à maturidade existencial, em detrimento da subjetividade cartesiana, a que leva ao subjetivismo.

## CONCLUSÕES

O texto apresenta uma aproximação a aquilo que se observa nos textos de Foucault e que evidencia um deslocamento do autor em direção as formas de pensar que o distanciam dos seus escritos iniciais. Há evidências que atestam tal deslocamento e algumas delas foram sinalizadas, de forma sumária, neste texto inicial e não são objetos de atenção dos estudiosos especializados na hermenêutica foucaultiana. Tais especialistas não contemplam esta “guinada”, não reconhecem este deslocamento e o que parece ficar claro gerando estranhamentos é o fato dos estudiosos de Foucault não reconhecerem aquilo que o próprio Foucault escreve e que evidencia um salto qualitativo nos seus saberes.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## REFERÊNCIAS

- EWALD, François; FONTANA, Alessandro. Notas – aula de 6 de janeiro de 1982. In: FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: cursos dados no collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins fontes, 2010. p. 23.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: cursos dados no collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins fontes, 2010a.
- \_\_\_\_\_. *O Governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.
- \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. 3ª ed. São Paulo: Forense, 2012. vol. v.
- \_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática da liberdade - 1984. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. 3ª ed. São Paulo: Forense, 2012a. vol. v., p. 268.
- \_\_\_\_\_. O cuidado com a verdade - 1984. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. 3ª ed. São Paulo: Forense, 2012b. vol. v., p. 234.
- KIERKEGAARD, Søren Aabye. *Post-scriptum no científico y definitivo a migajas filosóficas*. Salamanca: Sígueme, 2010.